

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3

Edwaldo Costa
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3

Edwaldo Costa
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-206-4

<https://doi.org/10.22533/at.ed.064212906>

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II.
Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos aos nossos leitores mais um volume do e-book Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação 3. Como sempre, nossa obra traz um conjunto de contribuições voltadas a diferentes áreas do universo comunicacional. Neste e-book, apresentamos 17 capítulos de 31 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada.

A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”. Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens.

Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer desordenada. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos, a pandemia de Covid-19 no mostrou isso.

Como dito, o livro, trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre a comunicação, as concepções de linguagem, as redes sociais, o jornalismo, a violência contra a mulher, as mídias independentes brasileiras, o novo normal, o consumo midiático, algoritmos no Facebook, as *fake news*, a pandemia, *brand persona*, os canais infantis de meninas influenciadoras no Youtube, os dispositivos educativos não-formais aliados ao percurso acadêmico de estudantes de jornalismo, o cinema, o letramento digital, a Educomunicação, a gestão de conhecimento, a Comissão da Verdade, *Star Wars*, a ficção seriada, o Método Kominsky, o futebol, a Guerra Ameríndia, as contribuições do professor Renato Cordeiro, entre outros.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa para a comunidade científica e profissionais da área. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Sabemos ainda, o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“UM VÍRUS E DUAS GUERRAS”: COVID-19 E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PAUTA DE DUAS MÍDIAS INDEPENDENTES BRASILEIRAS

Sônia Maria dos Santos Carvalho

Vitória Sousa Pilar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129061>

CAPÍTULO 2..... 17

O NOVO NORMAL MEDIADO PELO CIBERESPAÇO - A INTENSIFICAÇÃO DO USO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Monica Costa Arrevabeni

Aline Costalonga Gama

Mauriceia Soares Pratissolli Guzzo

Mauricio Soares do Vale

Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129062>

CAPÍTULO 3..... 31

PRÁTICAS DO CONSUMO MEDIATEZADO SOB A LÓGICA DOS ALGORITMOS NO FACEBOOK

Pedro Arthur Nogueira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129063>

CAPÍTULO 4..... 43


UNIVERSIDADES NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE NO FORMATO E NATUREZA DAS PUBLICAÇÕES

Pedro Farnese

Janete Monteiro Garcia

Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez

Meena Anjali de Falleiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129064>

CAPÍTULO 5..... 56

MAGAZINE LUIZA: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA *BRAND PERSONA* LU NO INSTAGRAM

Bianca Johanny dos Santos Lima Assunção

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129065>








CAPÍTULO 6..... 70

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA E GANHOS DE ADULTOS: PUBLICIDADE E CONTEÚDO MARCÁRIO E OS CANAIS INFANTIS DE MENINAS INFLUENCIADORAS NO YOUTUBE

Karla de Melo Alves Meira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129066>

CAPÍTULO 7	85
DISPOSITIVOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS ALIADOS AO PERCURSO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO: O PAPEL INTEGRATIVO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES NO CONTEXTO DAS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS	
Ana Luisa Zaniboni Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129067	
CAPÍTULO 8	98
“PASTOR CLÁUDIO”: MEMÓRIA EM QUESTÃO NO CINEMA E NO JORNALISMO	
Gilmar Hermes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129068	
CAPÍTULO 9	110
O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O MEDO E A ORDEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Marise Baesso Tristão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129069	
CAPÍTULO 10	122
COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL: POSSÍVEIS DIÁLOGOS	
Madilei Rotta da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290610	
CAPÍTULO 11	132
COMUNICAÇÃO, CONFLITOS E MEDIAÇÃO: APORTES DA PRÁXIS EDUCOMUNICATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Marciel Aparecido Consani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290611	
CAPÍTULO 12	145
GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO DE LA VERDAD. UN MARCO CONCEPTUAL PARA LAS COMISIONES DE LA VERDAD	
Mario Fernando Guerrero-Gutiérrez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290612	
CAPÍTULO 13	162
STAR WARS: QUANDO A FORÇA ESTÁ NA ALMA DE UMA MARCA	
Janaina de Holanda Costa Calazans	
Gabriela Rocha Barros Coelho	
Georgina Venâncio de Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290613	
CAPÍTULO 14	177
FICÇÃO SERIADA E O ENCONTRO COM A MORTE: A FINITUDE EM <i>O MÉTODO KOMINSKY E OS EXPERIENTES</i>	
Tatiana Siciliano	

Valmir Moratelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290614>

CAPÍTULO 15..... 190

GUERRA AMERÍNDIA E FUTEBOL: DOIS MODELOS DE CONFLITOS SOCIÁVEIS

Leticia Moutinho Palis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290615>

CAPÍTULO 16..... 204

REPERTÓRIO HISTÓRICO LINGUÍSTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO E PORTUGUÊS

Edwaldo Costa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290616>

CAPÍTULO 17..... 217

RENATO CORDEIRO GOMES E SEU LEGADO: POR UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA CIDADE

Aline da Silva Novaes

Fabiana Crispino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290617>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 230

ÍNDICE REMISSIVO..... 231

CAPÍTULO 1

“UM VÍRUS E DUAS GUERRAS”: COVID-19 E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PAUTA DE DUAS MÍDIAS INDEPENDENTES BRASILEIRAS

Data de aceite: 21/06/2021

Data de submissão: 06/05/2021

Sônia Maria dos Santos Carvalho

Universidade Estadual do Piauí
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/1240270495070793>

Vitória Sousa Pilar

Universidade Estadual do Piauí
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/9600469638472059>

RESUMO: Este artigo se concentra nas publicações online de duas agências de mídia independente - Agência Eco Nordeste e Amazônia Real - para compor a série de reportagens produzidas *Um vírus e duas guerras*. Esta mídia produziu, entre os meses de março e abril de 2020, um levantamento sobre a violência doméstica durante a pandemia do novo coronavírus. Esta série, considerada em seu aspecto singular e regional, é porta de entrada para se analisar as narrativas da mídia independente, que por sua vez tem conquistado visibilidade no campo midiático e levantado novas problemáticas para os estudos de jornalismo. Recursos qualitativos em perspectiva analítica e compreensiva são utilizados para compreender a identificação dos conflitos, a construção de personagens e estratégias comunicativas presentes nas publicações, sem pretensões de esgotamento do tema. O diálogo entre as perspectivas da comunicação e novas mídias na modernidade

e pós-modernidade e a teoria social da mídia, encontrados em Thompson (2002), Castells (2015), Jenkins (2006) Harvey (1992) e Santos (2020), são os suportes teóricos utilizados por permitirem compreensão das publicações no panorama sociológico e midiático em que se apresentam. A empiria permite argumentar que as narrativas da mídia independente na série buscaram legitimar suas próprias diferenças em relação ao jornalismo *mainstream* demonstrando posicionamentos que reverberam no campo jornalístico.

PALAVRAS - CHAVE: Jornalismo; Mídia Independente; COVID 19; Violência.

“ONE VIRUS AND TWO WARS”: COVID-19 AND VIOLENCE AGAINST WOMEN ON THE TOPIC OF TWO BRAZILIAN INDEPENDENT MEDIA

ABSTRACT: This article focuses on the online publications of two independent media agencies - Agência Eco Nordeste and Amazônia Real - to compose the series of reports produced *One virus and two wars*. This media produced, between the months of March and April 2020, a survey on domestic violence during the pandemic of the new coronavirus. This series, considered in its singular and regional aspect, is the gateway to analyze the narratives of the independent media, which in turn has gained visibility in the media field and has raised new issues for journalism studies. Qualitative resources in an analytical and comprehensive perspective are used to understand the identification of conflicts, the construction of characters and communicative strategies present in publications, without

pretending to exhaust the topic. The dialogue between the perspectives of communication and new media in modernity and postmodernity and social media theory, found in Thompson (2002), Castells (2015), Jenkins (2006) Harvey (1992) and Santos (2020), are the theoretical supports used to allow the comprehension of publications in the sociological and media panorama in which they are presented. Empiricism allows us to argue that the independent media narratives in the series sought to legitimize their own differences in relation to mainstream journalism by demonstrating positions that reverberate in the journalistic field.

KEYWORDS: Journalism; Independent Media; COVID-19; Violence.

1 | INTRODUÇÃO

Na movência que marca as investigações no campo jornalístico e as reconfigurações socioculturais e tecnológicas que impactaram a paisagem midiática nos últimos trinta anos tornou-se realidade a problematização das iniciativas de mídia independente no Brasil.

Sob perspectivas diversas focadas na relatividade dos conceitos de *independência* e *autonomia jornalísticas* (Assis, Casamão, Silva, Christofolletti, 2017), na compreensão das relações de comunicação e dos novos arranjos midiáticos decorrentes dos processos e rotinas produtivas em que se estruturam (Figaro, 2018); ou nos questionamentos acerca da produção de permanências ou distanciamentos em relação ao jornalismo tradicional – o chamado *mainstream media* (Capobianco, Kunsch, 2019) - estes estudos demonstram como a mídia independente tem sido posta em análise, recebendo atenção no cenário acadêmico brasileiro.

É nesta possibilidade aberta que o presente artigo se coloca com o objetivo de compreender parte da mídia independente brasileira ao focar nas narrativas jornalísticas construídas por duas agências de mídia independente, a *Eco Nordeste e Amazônia Real* no ano de 2020, que resultaram na publicação da série de reportagens *Um vírus e duas guerras*.

A observação pormenorizada das publicações, com fotos, vídeos, infográficos e textos permitiu constatar a característica narrativa da informação jornalística, considerando que “a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as crenças, valores) em relatos” (Motta, 2007, pag.143). Assim, ao construírem informações sobre violência doméstica, é possível identificar uma produção de significados que demonstram, ao menos parcialmente, como as agências estudadas promoveram sentidos aos seus atos na cena comunicacional.

Três questões principais foram feitas às narrativas jornalísticas produzidas pelas agências: 1) Como foram identificados os conflitos? 2) Como apresentaram as personagens? 3) Quais estratégias comunicativas de objetivação e construção de efeitos do real foram perceptíveis nas publicações para a comunicação da informação? As três indagações orientaram-se pelo procedimento metodológico da *análise pragmática da narrativa jornalística* (Motta, 2007, p.149-161), correspondendo ao que se estabelece como

2º, 3º e 4º movimentos do pesquisador para a compreensão de camadas significativas do objeto empírico; selecionados pelo critério de atendimento aos questionamentos em relação.

Para o alcance do objetivo colocado optou-se pela compreensão da emergência e amplitude de atuação das iniciativas de mídia independente nos contextos histórico, social e tecnológico oriundos dos estudos de comunicação e pós-modernidade e da teoria social da mídia.

Contribuições teóricas em meados do século XX, mesmo controversas, são pertinentes ao trazerem ao campo midiático conceitos e hipóteses sobre um conjunto de práticas e experiências socioculturais que propõem percepções de mundo calcadas na quebra das explicações totalizantes ou globalizantes (Harvey, 1992) das verdades absolutas e dos pensamentos padronizados. Considerando como decisivos os papéis dos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação na dinâmica e configuração das relações de poder (Castells, 2015), ao permitirem convergências de aparelhos e mentes nas interações sociais (Jenkins, 2006), estes estudos vem se somar às percepções anteriores de Thompson (2002), segundo a quais a ubiquidade/onipresença dos meios de comunicação seriam indicadoras de novos intercâmbios sociais com reivindicações de uma recepção negociada, ativa e à procura de novos espaços de atuação na modernidade.

Além das reconfigurações permanentes de cenários de atuação das iniciativas de mídia independente, a série de reportagem *Um vírus e duas guerras* veio à publicação em meio aos desdobramentos sociais provocados pela pandemia de Covid-19 declarada pela Organização Mundial de Saúde no dia 11 de março de 2020, sendo os principais: o isolamento e/ou distanciamento social e medidas de higiene pessoal. Assim, a pandemia tornou-se contexto e personagem jornalístico e o artigo percebe esta dupla condição pelas reflexões de Santos (2020).

Como forma de estruturação este artigo trará inicialmente reflexões acerca das configurações da mídia independente no Brasil, contextualizando-a na paisagem midiática contemporânea e relacionando-as aos conceitos de *independência, poder e convergência*. Em seguida será apresentado um breve histórico das agências, caracterizando-as dentro do contexto mais amplo do projeto colaborativo *Um vírus e duas guerras* e os procedimentos metodológicos tomados para a compreensão do problema. Antes das considerações finais, será apresentada a análise que os recursos qualitativos permitiram à compreensão das narrativas jornalísticas construídas.

2 | PAISAGEM MIDIÁTICA, PODER E INDEPENDÊNCIA

Reconfigurações socioculturais, políticas e tecnológicas são comuns na história do jornalismo. No século XX, aconteceram mudanças como a industrialização e expansão da imprensa, a emergência da concepção de informação como produto central a ser entregue

pelo jornalista - identificado socialmente pelo saber especializado de produzir notícias - e a definição de ao menos dois polos dominantes no jornalismo (Traquina, 2007 p.131): um *econômico*, significado na comercialização da imprensa e das notícias como mercadoria e outro *ideológico* com a identificação do fazer jornalístico como elemento fundamental para a democracia, sendo as notícias divulgadas a todos parte da matriz de exercício dos direitos do cidadão. (Traquina, 2007 p.131).

Nas três últimas décadas, entre o século XX e XXI, estas modificações ganharam novos contornos que impactaram mais profundamente as práticas jornalísticas da contemporaneidade. Entre elas, mudanças nos reposicionamentos econômicos, que alteraram a destinação ou aplicação de verbas publicitárias e refletiram em fragilidades dos modelos de negócios que baseavam empresas de mídia e empregavam jornalistas. Em “poucos anos observamos à ruína de algumas certezas jornalísticas – como a de que só profissionais poderiam produzir informações” (Assis, Casamão, Silva, Christofolletti, 2017, p. 5).

Estas razões interconectadas influíram em modos variados de colaboração com públicos e na forma de ser público. Assim, enterraram o modelo clássico de produção jornalística baseado nos esquemas triádicos de *audiência-produção-distribuição* de notícias, como se os indivíduos permanecessem em relações inalteradas. “Usar meios de comunicação e dispositivos tecnológicos nas últimas três décadas culminou na criação de novas formas de ação e de interação social”, com conexões diferentes entre indivíduos com os outros e consigo mesmo (Thompson, 2002, p.13).

As instituições de mídia modernas e pós-modernas, constituem-se imbrincadas em outros contextos interdependentes, sejam econômicos e culturais, e são afetadas pelas transformações no campo social que enfatizam as diferenças e as alteridades próprias dos lugares (Harvey, 1992). Significa abertura de caminho, de modo individualizado ou coletivo, ao reconhecimento de novas possibilidades de consumo, expressão e interação afetando os modos de fazer jornalismo.

Atores sociais não satisfeitos em permanecer apenas como audiência, jornalistas em desconforto com modelos de organização empresarial das mídias ou sem identificação com linhas editoriais; a abertura de caminhos para novas formas de engajamento e colaboração, além das sucessivas crises que afetaram o setor jornalístico ajudam a entender, ao menos em parte, a conjuntura de emergência do que aqui se denomina de uma nova paisagem midiática.

Entre 2012 e 2015 foi oficializado o fechamento de pelo menos 1084 postos de trabalho para jornalistas em 50 redações brasileiras, incluindo as consideradas principais empresas de comunicação. A motivação das demissões para a maioria foi o corte de custos. (Ramos; Spinelli, 2015, p. 115).

Pelo viés tecnológico, dados da 31ª *Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação*, da Fundação Getúlio Vargas (2020), apontaram a existência

de 424 milhões de dispositivos digitais em uso no Brasil, entre computadores, *tablets*, *notebooks* e *smartphones*, 234 milhões de *smartphones* e ao menos 342 milhões de dispositivos portáteis – o que gera uma média de 1,6 aparelho portátil por habitante no país.

Embora o levantamento não informe quanto ao uso detalhado dos celulares inteligentes, como por exemplo as diferenciações quanto as desigualdades regionais ou econômicas, aponta para um índice de saturação e de uso normalizado dos dispositivos móveis em atividades privadas ou profissionais. O caráter de multiuso dos *smartphones* conectados à rede e em rede digitais tem como atrativo a concentração, num só aparelho, de dados e conteúdos necessários ao cotidiano, com a possibilidade de atualização infinita e de interações sociais variadas.

As práticas nesta modalidade de comunicação interpessoal e massiva, impulsionadas pela força das plataformas *online* de mídia social digital colaboraram na constituição de uma cultura de convergência, que se alinha menos à sofisticação tecnológica dos aparelhos e mais ao que ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a nossa própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (Jenkins, 2006, pág.231).

Os atores sociais tem abraçado as possibilidades de reposicionamento de suas vozes, individual ou coletivamente, constituindo novos cenários de disputas pelo *poder*, entendidos na perspectiva de Castells (2015. p. 57) como o mais fundamental na sociedade, uma vez que terminam por constituí-la ao estabelecer valores e institucionalizá-los.

Percebendo a comunicação como um poder constitutivo das dinâmicas sociais, redescobre-se a possibilidade de lidar com as assimetrias das relações de poder existentes até então, questionando a dominância de valores fixos através da crença de que os desníveis entre antigos donos do poder comunicativo e seus dominados não são, afinal, imutáveis. É possível reconfigurar hierarquias de poder através de frentes de atuação diversas, como limitação aos instrumentais de tecnologia da informação bem como a utilização de estratégias práticas comunicacionais para o alcance das finalidades desejadas. As relações de poder, estejam sob a dominância do Estado ou da mídia tradicional, podem, portanto, ser alteradas por atores sociais com metas de mudanças significativas e que se mobilizam para o enfrentamento das normas institucionalizadas ou regras rígidas. *Smartphones* ou dispositivos digitais portáteis seriam vetores de empoderamento pelas possibilidades múltiplas de articulação das redes de comunicação para contestação de poderes constituídos (Castells, 2015, p. 21).

Esta perspectiva teórica de empoderamento vem ao encontro das iniciativas de mídias independentes no Brasil¹, com expansão em crescimento numérico nos últimos cinco anos.

1 As pesquisadoras Oliveira e Ferreira (2016) colocam as iniciativas de mídia independente no Brasil como fenômeno relativamente novo, pois apontam o site *Scream and Yell* (<http://screamyell.com.br/site/>), incluso atualmente no Mapa do Jornalismo Independente da Agência Pública, como a iniciativa mais antiga do país, originada em 1996 e especializada em jornalismo cultural

Até setembro de 2020 o levantamento realizado pela *Agência Pública*², denominado *Mapa do Jornalismo Independente* apontou a existência de 215 iniciativas de mídia independente entre as quais estão catalogados projetos de crítica cultural, *startups* de notícias, coletivos de *blogs*, *sites*, agências de checagem de fatos, coletivos de comunicadores e revistas de temáticas com pautas e linhas editoriais diversas. Em 2017 o levantamento identificou 70 veículos (Assis, Casamão, Silva, Christofoleti, 2017, p. 12) com maior concentração deles na região sudeste do país. Desde o início do mapeamento a *Agência Pública* estabeleceu como critérios de seleção para o levantamento interativo - advindo de pesquisa própria e da contribuição de colaboradores - o registro somente de mídias independentes nato digitais, primordialmente voltadas à produção de conteúdos jornalísticos e oriundas de projetos coletivos obrigatoriamente não ligados a grupos midiáticos, empresariais ou políticos.

O distanciamento em relação às características de financiamento e estruturação das empresas do chamado jornalismo tradicional, ou *mainstream media*, cuja base de sustentação econômica advém de verbas publicitárias/anunciantes, está no primeiro plano de posicionamento das iniciativas de mídia independente. Em planos mais profundos percebe-se a relação dialética da independência jornalística, como algo construído em relação a um outro, identificado como o jornalismo tradicionalmente moldado na história de uma sociedade urbana e industrial, que vendia notícia como produtos em série a uma massa mais ou menos homogênea e leitores, ouvintes ou telespectadores. (Traquina, 2007, pag. 131). Esta *mainstream media* seria marcada ainda tanto pela sucessiva cadeia de pressões impostas ainda pelos empresários, diretores e jornalistas que exercem posições diferentes nas redações, quanto pelas contradições emanadas do próprio *ethos* jornalístico, significadas na prática pelo trabalho focado na independência, mas que necessitaria atender às necessidades financeiras de subsistência como negócio.

Para uma compreensão do objeto de pesquisa, este artigo propõe cautela no entendimento do conceito de independência considerando que se trata de termo consonante com a apropriação que as agências fizeram para si, mas que pode apontar para significados diferentes em contextos diversos, ou mesmo ser apropriado em nome de interesses específicos (Assis, Casamão, Silva e Christofoleti, 2017, p6). Há complexidades no termo: por um lado formas tradicionais de jornalismo também apregoam-se independentes, por outro, a desvinculação da sustentabilidade financeira aos anunciantes ou publicidades não excluem outros modos de pressão com os quais os jornalistas das mídias independentes precisam lidar, como as expectativas sociais de seus públicos e a organização da sua cadeia de colaboradores para a entrega de conteúdos que consideram importantes ao alcance dos objetivos propostos de mudança social.

2 A Agência Pública foi fundada em 2011 por repórteres mulheres e considera-se a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Lista 48 prêmios obtidos através de reportagens focadas nas temáticas políticas e de direitos humanos, trabalhando ainda como fomentadoras das iniciativas de jornalismo independente no Brasil, mentoria de jornalistas, promovendo concursos de microbolsas de reportagem e programas de apoio a projetos de inovação e experimentação em jornalismo. Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos>.

Entendendo independência como não dependência em relação a algo é, portanto, possível refletir como o conceito abarcaria os arranjos de funcionamento de uma iniciativa jornalística, se prega, ou não, a insubmissão a órgãos de controle social ou aos sistemas regulatórios vigentes (Bucci, 2009, p), por *exemplo*. Para efeitos desta pesquisa considera-se o termo *independência* para uma iniciativa midiática identificada com a autonomia e direito conquistado, por meios tecnológicos e mudanças de posicionamento dos integrantes de uma instituição, para criar suas próprias regras e administrar seu próprio negócio de mídia (Karppinen e Moe, 2016, p.106). Mídias independentes seriam, portanto, este universo de organizações de mídias nato digitais, compromissadas com temáticas e pautas diversas e baseadas em fontes de sustentabilidades, produtoras de conteúdos colaborativos frutos de arranjos de produção distanciadas das modalidades tradicionais do jornalismo, em busca de mudança social.

Do conjunto de características acima, o aspecto colaborativo da agência estudada no *corpus* desta pesquisa ganha relevo pela dupla condição pela série ter sido produzida durante o período de vigência das regras de isolamento/distanciamento social, por ocasião da pandemia de COVID-19 em todo o país, e por esta última ser contexto e personagem da pauta jornalística voltada a denunciar a situação das mulheres vítimas de violência doméstica.

Pela gravidade da situação sanitária/humanitária, por sua escala mundial e sob a perspectivas de análise das relações desiguais de poder que vieram à tona impactando modelos de negócio, iniciativas públicas ou privadas de comunicação, comportamentos de consumo, modos de gestão do atendimento às demandas de saúde, entre outros, formou-se um contexto marcado pelas “normalidades da exceção e alegorias da pandemia”, conforme Santos (2020, p.).

Neste sentido, novas reconfigurações de trabalho se colocam a todos e surgem os desafios de interpretação das lições e consequências da pandemia para os mais diferenciados grupos sociais. Se em uma primeira camada há a ideia plausível de contrapor a pandemia a um período anterior de normalidade, ou se o foco passou a ser o caos generalizado pelo medo da morte através do coronavírus, outras camadas de entendimento estão em discussão a respeito de sucessivas crises se desdobrando desde momentos históricos anteriores. As consequências da pandemia não estão recaindo de modo igual a todos os grupos sociais (Santos, 2020).

A série de reportagens *Um vírus e duas guerras* pertencem a um recorte jornalístico nas quais outras visões a respeito da pandemia foram publicizadas, neste caso, a situação de mulheres vítimas de violência doméstica que se viram isoladas nos locais das agressões de tipificação legal diversa, em nome da preservação da saúde coletiva.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E BREVE APRESENTAÇÃO DA AGÊNCIA ECO NORDESTE E AMAZÔNIA REAL

O estudo foi realizado entre os meses de junho de setembro de 2020, no entanto, o material jornalístico fora produzido entre os meses de março e abril de 2020, durante a pandemia de COVID-19, por um coletivo de cinco mídias independentes brasileiras, que se dividiram no intuito de contemplar as mais diferentes realidades das mulheres dispostas nas cinco regiões do país: *Portal Catarinas*, *Ponte Jornalismo*, *Projeto #Colabora*, *Agência Eco Nordeste* e *Agência Amazônia Real*. As reportagens foram publicadas em simultâneo nos sítios eletrônicos de todos os projetos.

A seleção das reportagens das duas mídias brasileiras deu-se pelos critérios da representatividade, diversidade e originalidade, apontados por Machado e Palácios (2007), e pelo interesse reforçado na origem e/ou experiências das pesquisadoras com a região Nordeste. A mídia é nato digital, produz conteúdo jornalístico em forma de textos, vídeos, fotografias, áudios em fluxo contínuo e o entrega em plataformas múltiplas, tendo histórico de reconhecimento no meio jornalístico através de premiações e abrangendo temáticas diversificadas, tais como: agroecologia, sustentabilidade no semiárido, cultura, gênero, política, questões e conflitos agrários, turismo, energias alternativas, direitos humanos, gestão de recursos hídricos e meio ambiente.

A agência de conteúdo *Eco Nordeste* lançou seu sítio eletrônico no dia 16 de novembro de 2018 anunciando missão identificada com a produção jornalística independente sobre sustentabilidade, focada no tripé ambiental-social-econômico e na ampliação de visibilidade das questões tipicamente nordestinas, como a convivência com o semiárido e o bioma da caatinga, e diversificadas (como gênero, turismo, direitos humanos), contudo, buscando protagonizar em suas pautas o que denominou de pessoas que dão rosto aos povos da região. Até setembro de 2020 a viabilidade da agência foi anunciada no portal como oriunda de recursos do Fundo de Auxílio Emergencial ao Jornalismo (JERF), da *Google News Initiative*, obtidos após concorrência aberta a mais de 12 mil projetos em todo o mundo.

A equipe é composta por dois sócios fundadores, ambos jornalistas graduados, com experiências em mídias tradicionais e com trabalhos jornalísticos reconhecidos em premiações nacionais e regionais. Dez colaboradores localizados no Ceará, Bahia e um na Espanha, todos com graduações em Jornalismo e experiências em diferentes áreas do campo comunicacional, produzem os conteúdos. O aspecto do trabalho colaborativo encontra-se ainda nas parcerias firmadas com nove organizações sem fins lucrativos, agências de informação e movimentos de mobilização social. Seu conteúdo é aberto à livre reprodução, desde que concedido o crédito de autoria e de que seja observada a destinação da republicação, embora não sejam detalhadas as formas de controle deste aspecto.

A agência Amazônia Real, por sua vez, nasceu em formato digital no ano de 2013 e foi fundada por duas mulheres em Manaus (AM), ambas formadas em Jornalismo e com experiência anterior em redações de empresas tradicionais do Norte e Sudeste Brasil, rendendo-lhes premiações nacionais e internacionais. A motivação para a fundação da iniciativa de mídia independente estaria, segundo seu conteúdo eletrônico, no descontentamento com a mídia tradicional, na falta de espaço editorial ou na monotemática forma de abordagem jornalística dada às pautas sobre a Amazônia e seus povos.

Apresenta-se como diferente da grande imprensa e com independência expressada na negativa de recebimento de recursos de origem pública, de entes envolvidos em crimes ambientais, trabalho escravo ou violação de direitos humanos ou de quaisquer outros que exijam em troca interferência na produção de seus conteúdos jornalísticos. Sua principal fonte de financiamento desde o ano de 2014 são recursos oriundos do Projeto de Acesso à Mídia da Fundação Ford e da associação Repórteres Sem Fronteiras. É aberta a doações de leitores aliados do jornalismo independente e pretende recorrer ao financiamento coletivo.

Seu arranjo de funcionamento inclui a cofundadora e editora de conteúdo, editora executiva, editor de fotografia, conselheiros e seis colunistas entre os quais geógrafo, ativista ambiental, historiador, educadora social, indígena com graduações e pós-graduações stricto sensu. Trinta colaboradores remunerados por meio de bolsas de reportagem trabalham na produção jornalística nos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Roraima, Rondônia e Tocantins, produzindo conteúdo para plataformas de vídeo, fotografias e áudios. Com esta equipe, realiza debates, oficinas de jornalismo além das produções jornalísticas sobre a cultura, os povos indígenas, questões agrárias, meio ambiente, política e cultura. A reprodução e compartilhamento destes também é livre e gratuita desde que sejam divulgados os créditos de autoria.

A pesquisa voltou-se à série de reportagens com o objetivo de responder às três questões principais feitas às narrativas jornalísticas publicadas: 1) Como foram identificados os conflitos? 2) Como se apresentaram as personagens? 3) Quais estratégias comunicativas de objetivação e construção de efeitos do real são perceptíveis nas publicações para a comunicação da informação? Os três questionamentos correspondem, no procedimento metodológico da análise pragmática da narrativa jornalística (Motta, 2007, p.149-161), ao 2º, 3º e 4º movimentos do pesquisador para a compreensão do objeto empírico.

4 | ANÁLISES E COMPREENSÕES DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

A série de reportagem *Um vírus e duas guerras* consiste em conteúdo colaborativo pautado no monitoramento sobre violência contra a mulher em todas as cinco regiões brasileiras durante a pandemia de Covid-19. Coletando dados sobre feminicídios e violência doméstica junto às secretarias de segurança pública dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, cada iniciativa de mídia independente assumiu a responsabilidade por

uma região do país, à exceção da agência *Amazônia Real* (abarcando o zoneamento Norte e Centro-Oeste).

As agências encontraram como obstáculos a falta de dados e recusas acerca do envio de informações precisas sobre feminicídios entre janeiro e abril de 2020 e o mesmo período de 2019, ou consistência nas consistências nas classificações de crimes ligados à violência doméstica, o que acarretou na eliminação da reportagem final os estados de Amapá, Goiás, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Paraná, Rondônia e Distrito Federal dos textos finais.

4.1 Como foram identificados os conflitos?

As reportagens da *Agência Eco Nordeste* e *Amazônia Real* seguindo o padrão da narrativa trazida pela reportagem de abertura e identificaram os conflitos demonstrando no texto os novos contornos dramáticos da problemática da violência contra as mulheres: em nome da saúde pública e obtenção de um bem maior (a não contaminação pelo contato direto entre pessoas) a permanência no isolamento pela ameaça de morte da Covid-19 tornou a violação de gênero ainda mais particular, privada e escondida, identificando-a a um cárcere privado como que justificado.

O conflito central está no fato de um vírus representar às mulheres duas guerras - uma contra o vírus da covid-19 e outra contra os agressores domésticos - tendo ambas pesos e características diferentes, mas simbolizando igualmente o risco à integridade da vida ou possibilidade real de morte.

O conflito narrativo se estende à desconfiança e crítica aos dados e apresentados e às falas postas pelas autoridades públicas tidas como fonte – postura considerada inerente e essencial à profissão do jornalista. No entanto, ao tempo em que expõe os dados fornecidos pelas fontes oficiais e lhes dá importância ao ponto de esmiuçá-los em infográficos para interpretar através deles as realidades vividas naquele momento, também os põe em xeque. Isso ocorre quando as narrativas apontam a incapacidade de compreensão mais fiel da realidade, uma vez que o isolamento social dificultou a oficialização de denúncias junto aos órgãos de poder que por fim geram as estatísticas com as quais trabalham as secretarias de segurança pública nos estados.

E os conflitos se complexificam no caso da *Agência Eco Nordeste*, como na narrativa jornalística da matéria intitulada *No Lockdown, Maranhão registra mais denúncias*, que faz alusão ao período de confinamento social mais severo, ocorrido entre os dias 5 e 17 de maio de 2020. Paralelamente à lógica narrativa que vinha sendo trabalhada, isto teria sido possível, ao menos na região metropolitana da capital São Luís, em decorrência da articulação de entes públicos e sociedade civil organizada para oferecer às mulheres acesso à internet e possibilidades de registros de agressões e pedidos de ajuda através dispositivos móveis.

Outra forma de identificação dos conflitos se faz nas narrativas através das

publicização das opiniões de fontes ligadas a mecanismos estaduais de proteção aos direitos das mulheres, à organizações não governamentais e ou núcleos de pesquisas dos institutos ou universidades federais/estaduais, que contrapõe situações e realidades das diferentes regiões. Configuram os pontos conflituosos pondo lado a lado contextos nos quais as mobilizações por políticas de proteção têm funcionado ou fracassado, como no caso das matérias intituladas *Campanha destaca funcionamento dos serviços no Piauí*, e *No Ceará, apenas um homem tirou a vida de três mulheres em abril*.

No trabalho específico da agência *Amazônia Real* é importante pontuar uma forte inquietação expressada na dificuldade de acesso à denúncia por parte da vítima e na falta de precisão a respeito dos dados das mulheres violentadas. Desde os títulos das reportagens, principalmente nas matérias sobre o Pará e o Acre, marcando os dados do crescimento das agressões domésticas e feminicídio até dentro do texto, essas informações ganham falas e nomes fictícios, que transpõem por meio das suas vivências a angústia de estar em duas guerras. Não obstante, o conflito também é exposto por meio das falas de autoridades, que se identificam como servidoras de órgãos públicos ligado à segurança, advogadas e ativistas feministas, que traduzem a realidade da violência vividas por cada estados e questionam a transparência dos dados. Esse recurso é bastante notável na reportagem sobre o estado da Amazônia, que tem como chamada a fala de uma ativista e é composta pelo depoimento de diversas vítimas amazonenses.

Ainda assim, os conflitos expostos nas reportagens nortistas não se centralizam apenas no crescimento evidente dos casos de violência doméstica no estado, mas também sustentam sob a incerteza em relação à precisão dos números oficiais, apontando a subnotificação dos casos de agressões como um fenômeno que ultrapassa as realidades dos estados citados e também se torna um problema nacional.

Na matéria intitulada *“No Pará crime de feminicídio aumentou 100% na pandemia”*, três passagens das matérias pontuam que o mal preparo da polícia militar em recepcionar às vítimas de violência durante a realização dos boletins de ocorrência, a lentidão dos tribunais de justiça em disponibilizar medidas protetivas às vítimas, como também o não encaminhamento do agressor ao sistema penitenciário, já eram problemas anteriores à pandemia, mas que se potencializaram no primeiro quadrimestre de 2020. Nesta última problemática, a superlotação dos Institutos de Medicina Legal (IML) do Pará em razão das mortes de Covid-19 foram os argumentos utilizados para justificar a demora na realização dos exames de corpo delito, utilizados como prova para incriminar os agressores. Assim, sem os documentos que comprovavam a violência, o agressor foi posto em liberdade, apresentando risco eminente à vítima.

4.2 Como se apresentaram as personagens?

Nas narrativas jornalísticas construídas os dados estatísticos, como taxas de feminicídio por mil mulheres ou números oficiais de feminicídio no Nordeste, tomam a

importância de base para a construção de um contexto no qual dados de 2019 e de 2020 são confrontados para percepção do fenômeno da violência num *antes e depois* do período pandêmico. Assim, seria possível compreender melhor os avanços ou retrocessos que a sociedade daquele espaço geográfico estaria atravessando.

As estatísticas são o suporte para a construção de fios narrativos nos quais se inserem personagens eleitos como interpretadores balizados do fenômeno da violência. São pesquisadores universitários, administradores de organizações de proteção às mulheres violentadas por diversos crimes além de gestores de órgãos públicos. No caso da Agência *Eco Nordeste*, há ênfase nos identificadores e qualificadores destas fontes, com co-referências que, quando particularmente observadas, trazem para a narrativa a credibilidade, a diversidade de pensamento e diferenciadas formas de compreensão.

Um personagem, a pandemia da Covid-19, faz parte do pano de fundo das diversas versões apresentadas. É vilã na narrativa, porém, mais percebida na condição de agravante de uma chaga social já estabelecida desde tempos imemoriais e de difícil erradicação e menos no medo generalizado que provoca por simbolizar a abreviação abrupta da vida.

As mulheres ouvidas pela agência *Eco Nordeste* tiveram suas falas postas em declaração em primeira pessoa, e trouxeram detalhes que parecem se replicar nas falas de outras fontes. As narrativas destas personagens vão entrelaçando as trajetórias de vidas diferentes, distanciadas fisicamente, porém próximas ao ponto de serem apresentadas no texto como se seguissem um roteiro único: as marcas iniciais de agressão, a escalada e diversificação dos crimes, os sofrimentos físicos e psicológicos que afetam demais membros da família, o medo de buscar auxílio motivado pela falta de alternativa de sustento financeiro; as frustrações com fragilidades e ineficiência da rede de atendimento, a obtenção de proteção e segurança e até mesmo as chances de recomeço das trajetórias de vida, ainda que com sequelas persistentes. São personagens apresentadas como sobreviventes e combatentes das duas guerras já citadas, mas na narrativa, a guerra contra a Covid-19 perde proeminência para a violência doméstica.

Nas matérias escritas pela *Amazônia Real*, as personagens se apresentam de forma direta e descrevem particularidades nas suas vivências enquanto vítimas da violência doméstica, marcadas principalmente pelo grau de dependência financeira do parceiro. Seus relatos são contados em primeira pessoa do singular, dando pessoalidade às violências que constituem experiência de violação de direitos anterior à pandemia. Apresentando um tom particular para cada vítima, as histórias possuem suas semelhanças no modo em que essas mulheres se entenderam como vítimas e encontram possibilidades para encerrar a violência. Partindo para o encerramento dos seus relatos são narradas como sobreviventes de situações que lhe custariam a vida mediante a permanência dentro do ciclo da violência.

O desenvolvimento narrativo inclui mulheres que não pertencem mais às estatísticas da violência doméstica, mas que somam os dados de feminicídio. Nesses relatos o tom é contado em terceira pessoa e elas são identificadas apenas pelas iniciais dos seus

nomes reais, apresentando um contraste em relação às mulheres que sobreviveram. Em especial, o intertexto da matéria a respeito do tema no estado do Acre, intitulado *Um crime devastador*, ainda é presente o tom objetivo, mas não deixa de atribuir que o destino pelas quais essas personagens tomaram é resultado de uma má assistência dos fatores sociais e institucionais do Estado.

Na matéria que faz menção à Amazônia duas personagens alimentam o corpo narrativo da reportagem ocupando dois locais de fala diferentes dentro do universo da violência doméstica. Ainda no título é anunciado que a matéria é composta pelo relato baseado na ótica de uma mulher que se reconhece como uma ativista feminista, entretanto, a matéria é aberta em suas primeiras linhas com a fala de uma mulher que ainda *está* em situação de violência. Ela inicia com uma oração curta e direta: “sou xingada e humilhada”, no presente, para expor sua condição de vítima. Posteriormente, ao depoimento, é seguido o posicionamento de Luzanira Varela, anunciada na chamada da reportagem, que apesar de não relatar se já foi uma vítima da violência doméstica, encara a situação como alguém atravessada pelas violências e situada diretamente na problemática, explicando porque mulheres como a vítima que abriu a reportagem continuam com seus parceiros no confinamento, elencando motivos que vão desde razões emocionais, como sociais e financeiras.

Outras personagens ouvidas nas três matérias também são apresentadas na forma de mulheres como Luzanira, que por sua vez se identificam como advogadas ou ativistas feministas, ou mulheres ligadas ao sistema público de segurança local, como delegadas, que apesar de passarem de forma rápida, embasam a problemática por meio de dados recolhidos pelas suas respectivas instituições de trabalho e pesquisa. Em suas falas, são apresentados posicionamentos explicativos sobre o contexto da violência, servindo de apoio teórico daquilo que é operado na prática sob a vidas das mulheres vítimas de violência doméstica durante o confinamento obrigatório imposto pela Covid-19.

4.3 Quais estratégias comunicativas de objetivação e construção de efeitos do real são perceptíveis nas publicações para a comunicação da informação?

Toda narrativa jornalística, produzida em colaboração por mídias independentes ou tradicionais não são ingênuas (Motta, 2007, p.155). Como qualquer outra forma de jornalismo possui suas estratégias de identificação e comunicação da informação, em busca do convencimento de que ali há efeitos do real ou semelhança junto às realidades vividas. Por estes motivos, dentre outros, as narrativas jornalísticas podem e devem ser escrutinadas.

Agência *Eco Nordeste* fez uso de estratégias de objetivação e de subjetivação entregando conteúdo com, respectivamente, estatísticas que apontaram para o agravamento do feminicídio em pelo menos três estados (Maranhão, Pernambuco e Ceará), e informações em forma de relatos das vítimas.

Há artes com imagens de derramamento de sangue em perfis femininos e infográficos de apoio à interpretação das informações. Deste modo, à medida que narrativa jornalística buscou noticiar as realidades para além dos grandes centros – como no caso da matéria intitulada No Cariri, a queda nos registros é vista com desconfiança – e mostrar quantas diferentes faces formam as duas guerras, a narrativa abre a possibilidade de identificações por parte dos leitores, seja pela proximidade geográfica ou afetiva com as mulheres em dupla condição de vulnerabilidade.

Entre as estratégias comunicativas para provocar a entrega da informação em um sentido objetivo que cumpre fazer o “efeito de real” (Motta, 2007, p.156) nas reportagens da Região Norte, pontua-se a organização textual demarcada nos títulos e intertextos marcantes, que além de situar o leitor sobre o que as próximas linhas vão se destinar, reforça particularidades da violência doméstica. Entre essas singularidades, destaca-se principalmente passagens que falam sobre as problemáticas judiciais e policiais, como também a narração de feminicídios, situações da violência que antecederam a denúncia ou a fuga, como também ou a explanação de dados das violências e feminicídio. Essas marcas no texto, por sua vez, posicionam o leitor diretamente para expressividade do problema, abraçando a proposta da mídia independente em propor textos mais dinâmicos, sem abandonar a densidade do problema.

Nas nuances subjetivas das reportagens nortistas, é encontrada uma série de recursos visuais que promovem a entrega da a informação de forma lúdica e objetiva. Na reportagem paraense, por duas vezes a fotografia de uma mulher contra à luz é inserida em um cenário assolado por grades, expressando como o ambiente doméstico, ao invés de se tornar um local seguro mediante o contexto da disseminação viral da Covid-19, se tornou um local de insegurança e temor para diversas mulheres paraenses.

A matéria contemplada no estado da Amazônia é a única que não faz uso do recurso fotográfico, entretanto, utiliza de uma ilustração abstrata para rememorar os temas trabalhados pela série *Um vírus e duas guerras*, dando enfoque para as expressões de pavor no rosto feminino, marcas avermelhadas que fazem menção ao sangue e o contexto familiar em ruptura, tendo em vista que o contexto violência doméstico atravessa todos os membros do núcleo familiar do lar assolado pela violência.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado podemos concluir que a mídia independente abordada no recorte temporal e editorial buscou cumprir sua postura jornalística diferenciada em relação à grande imprensa tradicional: pela efetuação de um trabalho colaborativo debruçado em pauta de aguda importância social e que não havia sido reverberada mais profundamente no resto da mídia até o momento; pelo investimento em uma metodologia própria de busca ativa de dados e de depoimentos mulheres agredidas em todo o território nacional com o

fim de representar uma realidade de abrangência nacional.

As reportagens das agências *Eco Nordeste* e *Amazônia Real* identificaram os conflitos demonstrando nas narrativas os novos contornos dramáticos da problemática da violência contra as mulheres, nos quais a pandemia tornou-se a protagonista pondo a violação de gênero em âmbito mais particular, privado e escondido, identificando-a a um cárcere privado como que justificado em nome do bem maior que seria a saúde pública. Há contradições: desconfia-se dos dados e apresentados pelas autoridades públicas, no entanto, são tratados como janelas para ver as realidades vividas naquele momento.

As personagens são as mulheres, especialistas em segurança, pesquisadores em gênero ou vítimas de violência, mas a personagem pandemia da Covid-19 faz parte do pano de fundo das diversas versões apresentadas, sendo uma vilã na narrativa, porém, mais percebida na condição de agravante de uma chaga social histórica, de difícil eliminação. A gravidade da pandemia estaria menos no medo generalizado que provoca por simbolizar uma possível abreviação abrupta da vida e mais na probabilidade que seu desdobramento – o isolamento social – represente para o gênero feminino: a continuidade de agressões diversas no ambiente doméstico.

As narrativas das mulheres ouvidas, com suas falas postas em declaração em primeira pessoa, entrelaçaram as trajetórias de modo mostrar que num cenário nacional diverso há pontos de identificação nas dores das agressões, nas buscas por ajuda e nas dificuldades de encontrar assistência pública para obtenção de segurança e apoio na retomada da vida.

Os depoimentos das sobreviventes aliados à entrega de dados oriundos de pesquisa abrangente e profunda, a postura colaborativa de trabalho jornalístico pensando na exploração regional e nacional da realidade brasileira vivida no momento foram estratégias encontradas neste estudo das agências de mídia independente para entregar conteúdo diferenciado em relação às mídias tradicionais. Ao fazerem isto, a própria agência demonstra sua participação e comprometimento social nas duas guerras denunciadas.

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA REAL, Agência. **Um vírus e duas guerras**. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/category/um-virus-e-duas-guerras/>.

ASSIS, Evandro; CASAMÃO, Leonel; SILVA, Mariana Rosa; CHRISTOFOLETI, Rogério. **Autonomia, ativismo e colaboração**: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. Revista Pauta Geral. Estudos em Jornalismo. Vol. 4, n 1, p.3-20, jan/jun 2017.

BUCCI, Eugenio. **A imprensa e o dever de liberdade**: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGS. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015. 629.

CAPOBIANCO, Janaina; KÜNSCH, Dimas A. **Mídias Digitais Independentes: Percursos Metodológicos de uma Pesquisa**. Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0733-1.pdf>.

ECO NORDESTE, Agência. **Um vírus e duas guerras**. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/categoria/mulheres/um-virus-e-duas-guerras/>.

FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais**. São Paulo: Loyola, 1992.

MEIRELLES, Fernando de Souza. **Pesquisa Anual do Uso de TI nas empresas**. 31ª edição. Fundação Getúlio Vargas. Junho de 2020. Disponível em: https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u68/fgvicia2020pesti-resultados_0.pdf

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 p.199-222.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Liliâne; FERREIRA, Soraya. **Jornalismo Independente No Brasil: Mídia Independente X Mídia Tradicional**. Artigo apresentado ao Eixo Temático: Jornalismo/ Jornalismo Independente / Mídia Livre do IX Simpósio Nacional da ABCiber. PUC-SP, 8,9 e 10 DEZ. 2016.

RAMOS, Daniela; SPINELLI, Egle Muller. **Iniciativas do Jornalismo Independente no Brasil e Argentina**. Imprensa Extra (USP). Ano IX - nº 17 | Julho -dezembro 2015. Pag 114-123.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina. Coimbra: 2020.

PÚBLICA, Agência. **Mapa da Mídia Independente do Brasil**. Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos>.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Algoritmos 9, 10, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 93
Algoritmos no Facebook 10, 31, 36
Atividades Complementares 11, 85, 86, 87, 94, 95

B

Brincadeiras de criança 10, 70, 74

C

Canais Infantis 9, 10, 70, 71, 74, 75, 79
Ciberespaço 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 45, 56, 58, 59, 68, 82
Cidade 9, 11, 12, 57, 63, 96, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 205, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229
Cinema 9, 11, 98, 100, 101, 103, 104, 108, 109, 134, 166, 167, 176, 218, 219, 220, 225, 227
Comissão da Verdade 9, 104, 105
Comunicação 2, 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 16, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 47, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 144, 162, 164, 168, 176, 177, 178, 188, 190, 191, 193, 199, 204, 210, 217, 223, 224, 225, 230
Covid-19 9, 10, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 21, 23, 30, 181

D

Diálogo 1, 35, 59, 67, 104, 107, 129, 132, 139, 140, 141, 143, 147, 150, 154, 155, 156
Diretrizes Curriculares 11, 85, 86, 95, 96
Discurso Jornalístico 11, 110, 111, 112, 119, 121
Dispositivos educativos 9, 11, 85

F

Facebook 9, 10, 21, 23, 24, 31, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54
Ficção 9, 12, 168, 177, 178, 184
Ficção Seriada 9, 177, 178
Futebol 9, 12, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216
Futebol Brasileiro e Português 12, 204

G

Gestão de conhecimento 9

Guerra Ameríndia 9, 12, 190, 193, 196

I

Influenciadoras Digitais 70

Instagram 10, 21, 23, 24, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 66

L

Letramento Digital 9, 11, 122, 126

M

Magazine Luiza 10, 56, 57, 61, 63, 64, 66, 67

Marca 11, 2, 21, 22, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 187, 217

Materialidade Discursiva 111

Mediação 11, 33, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 193, 221

Memória 11, 35, 47, 56, 81, 98, 99, 111, 112, 114, 116, 117, 124, 178, 185, 196

Meninas 9, 10, 70, 76, 80

Método Kominsky 9, 12, 177, 178

Mídia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 22, 33, 35, 41, 42, 45, 46, 55, 70, 73, 74, 75, 77, 80, 82, 83, 89, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 128, 130, 144, 174, 175, 207, 218, 219, 220, 225, 226, 227, 228

Mídias independentes 9, 10, 1, 5, 6, 7, 8, 13

Midiatização 31, 33, 34, 35, 40, 42, 72, 74, 82, 84

N

Novas Diretrizes Curriculares 11, 85

Novo normal 9, 10, 17, 18, 26, 29

O

Ordem 11, 24, 36, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 192, 197, 223, 225

Os Experientes 12, 177, 178, 182, 183, 184, 186, 187

P

Pandemia 9, 10, 1, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

Pastor Cláudio 11, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Poder 9, 3, 5, 7, 10, 15, 16, 32, 33, 36, 37, 40, 41, 58, 72, 74, 83, 90, 114, 117, 118, 119, 125, 130, 134, 139, 147, 148, 149, 151, 152, 167, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 207, 221

Poderes da Comunicação 2, 9

Práticas de consumo 34, 36, 72, 81, 83

Publicações 10, 1, 2, 9, 13, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 92, 93, 108

Publicidade 10, 31, 33, 34, 36, 40, 42, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 118, 119, 122, 188

Publicidade e Conteúdo 10, 70

R

Redes Sociais 9, 10, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 36, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 61, 62, 67, 74, 87, 93, 94, 108, 128, 168, 170, 222

Rio de Janeiro 11, 16, 42, 81, 83, 84, 96, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 143, 144, 175, 176, 188, 190, 200, 203, 209, 215, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 227, 228, 229

S

Star Wars 9, 11, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 184

U

Universidades 10, 11, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 86, 149

Y

Youtube 10, 62, 70, 83

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



facebook.com/arenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021